Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

ASSOCIAÇÃO ENTRE DROGAS E SEXO DESPROTEGIDO NA POPULAÇÃO LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: RISCOS E DANOS

ASSOCIATION BETWEEN DRUGS AND DEPROTECTED SEX IN LGBT POPULATION: RISKS AND DAMAGES

Francisco Andesson Bezerra da Silva[1]
Maura Vanessa Silva Sobreira[2]
Eronyce Rayka Oliveira Carvalho[3]
Aleudo Alves Coêlho[4]
Emanuel Costa de Melo[5]
Jonas Oliveira Menezes Júnior[6]

RESUMO - Objetivo: busca analisar a relação entre o uso abusivo de álcool e outras drogas, e o sexo desprotegido pela população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. **Método:** trata-se de um estudo quantitativo, realizado a partir da aplicação de um questionário semiestruturado com 36 integrantes de uma Associação LGBT. **Resultados:** foi constatado que a população analisada tem tido comportamentos preocupantes no que concerne ao uso abusivo de álcool e outras drogas, bem como com relação às práticas sexuais, o que os coloca em situação de risco e vulnerabilidade às

[1] Mestrando em Saúde Coletiva pela Universidade Católica de Santos de SP, Especialista em Gestão das Políticas Publicas em DST/Aids, hepatites virais e Tuberculose, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Natal, Brasil. E-mail: andessonbr@hotmail.com.
[2] Doutoranda em Ciencias da Saúde pela Faculdade de Ciencias Médicas da Santa Casa de Misericórdia de SP, Mestre em Enfermagem- UFRN, Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Docente na Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, PB, Brasil. E-mail: mauravsobreira2@gmail.com.
[3] Psicóloga, Especialista em Saúde da Família com Ênfase nas Linhas de Cuidados, Universidade Federal da Paraíba/UFPB, João Pessoa, PB. Brasil, E-mail: eronycerayka@hotmail.com.
[3]Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, PB, Brasil. E-mail: aleudocoelho@hotmail.com.
[4] Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, PB, Brasil. E-mail: aleudocoelho@hotmail.com.
[5] Bacharel em Educação Física pela Universidade Potiguar, Natal/RN, Brasil. Especialista em Saúde da Família com Ênfase nas Linhas de Cuidados, Universidade Federal da Paraíba/UFPB, João Pessoa, PB. Brasil, E-mail: emmanuelcmelo@gmail.com.
[6] Psicólogo Clinico. Especialista. E-mail: menezessespb@gmail.com

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

infecções sexualmente transmissíveis e ao HIV/AIDS. **Conclusão:** recomenda-se que sejam desenvolvidos programas de prevenção e redução de danos voltados especificamente à população LGBT, cujos resultados não dependam exclusivamente da aderência dos pacientes; para tanto, sugere-se a realização de programas de formação de profissionais, o desenvolvimentos de campanhas educativas, o fortalecimento da rede de prevenção e testagem de IST e HIV/AIDS, e ainda a ampliação e melhoria dos serviços de atenção psicossocial aos usuários de álcool e outras drogas.

Palavras-chave: LGBT. Saúde. Drogas. Infecções Sexualmente Transmissíveis. HIV/AIDS.

ABSTRACT - Objective: to analyze the relationship between abusive use of alcohol and other drugs, and unprotected sex by the lesbian, gay, bisexual, transvestite and transsexual population - LGBT. **Method:** this is a quantitative study, carried out from the application of a semi-structured questionnaire with 36 members of an LGBT Association. **Results:** it was observed that the analyzed population has had worrying behaviors regarding the abusive use of alcohol and other drugs, as well as sexual practices, which puts them at risk and vulnerability to sexually transmitted infections and HIV/AIDS. **Conclusion:** it is recommended that prevention and harm reduction programs be developed specifically for the LGBT population, whose results do not depend exclusively on patient adherence; Therefore, it is suggested to carry out professional training programs, the development of educational campaigns, the strengthening of the STI and HIV/AIDS prevention and testing network, and the expansion and improvement of psychosocial care services to the users of alcohol and other drugs.

Keywords: LGBT. Cheers. Drugs. Sexually Transmitted Infections. HIV/AIDS.

INTRODUÇÃO

O consumo de álcool e outras drogas é considerado um dos principais agravantes de saúde da população. Ainda que tenha estado presente na humanidade desde os primórdios da sua história, e que, em geral não tenha recebido a devida atenção do Estado, hoje constitui uma preocupação da saúde pública, sendo terceira causa de mortalidade no mundo. Nos últimos anos, pesquisas do campo biopsicossocial contribuíram com o avanço

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

do conhecimento sobre o assunto, possibilitando a elaboração de abordagens e métodos de prevenção e tratamento mais eficazes, considerando o fato de que em cerca de 30% dos usuários, o uso torna-se abusivo e dependente (BRASIL, 2010).

São vários os fatores que influenciam a consumo de drogas: o abandono familiar, a exclusão pessoal, o preconceito e o estigma do qual um indivíduo pode ser vítima, entre outros. No âmbito coletivo, é preciso atentar para a visibilidade nacional que as propagandas de marketing dispõem para fazer associação do álcool com o esporte, com momentos gloriosos e até com a virilidade, incentivando o acesso a tais insumos, criando um clima normatizador (OLIVEIRA, 2009). Todos estes fatores favorecem o uso de drogas, sejam elas lícitas e ilícitas.

Destarte, o impacto causado pelo uso de drogas é variável e depende das relações que a mesma tem com seus usuários, suas características externas e internas, o momento de ciclo vital, e a história intergeracional, o contexto sociocultural em que esse usuário está inserido (BRASIL, 2004).

Ademais, a relação entre o aumento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), a exemplo da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), o sexo desprotegido e o uso de drogas são cada vez mais estreitos. Assim, um novo olhar surge para o uso indevido de drogas e o não uso de contraceptivos de barreira, inferindo a necessidade de ações preventivas efetivas, cujos resultados não dependam exclusivamente da aderência dos pacientes, como através da intitulada teoria da redução de danos, que define um novo paradigma ético, clínico e político para a política pública brasileira de saúde, visando à redução dos riscos, as conseqüências adversas e dos danos associados ao uso de álcool e outras drogas para a pessoa, a família e a sociedade (PASSOS; SOUSA, 2011).

Um terço das pessoas vivendo com HIV no final de 1998 referiam-se aos jovens entre 15 e 24 anos e, metade das novas infecções, em todo o mundo, ocorre nessa faixa etária (BRASIL, 2003). Nos últimos 10 anos (2003 a 2012) as maiores taxas de detecção de AIDS foram observadas entre aqueles com 30 a 49 anos. Entretanto, observa-se uma tendência de queda na taxa daqueles com 30 a 39 anos e uma tendência de aumento de detecção entre os jovens de 15 a 24 anos (BRASIL, 2013).

Quando estas informações são relacionadas com as minorias e determinantes sociais, encontra-se um agravante propiciado pela invisibilidade e o não reconhecimento social. É nessa situação de risco que encontra-se a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), renegados a uma memória oculta e perversa, ganhando notoriedade quando o assunto é violência e HIV. No que concerne a saúde desta população, vivem uma ininterrupta falta de acessibilidade aos serviços de saúde, causada

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

pelo estigma e tabus da qual são revestidos. Soma-se a isso o preconceito dos profissionais de saúde, que transforma-se em uma nova barreira de acesso, implicando em menos saúde: distorção da auto imagem, sexo desprotegido, rejeição, homofobia.

Comportamentos de risco, tais como intercurso anal desprotegido e compartilhamento de seringas, expõem as pessoas ao risco do HIV e outras IST, que freqüentemente podem ocorrer sob a influência de drogas, expondo assim, particularmente, homens que fazem sexo com homens (HSH) e mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM) ao risco aumentado destas condições (ZAWACKI; STONER; GEORGE, 2009).

Nos últimos 20 anos, tem crescido o interesse da comunidade científica internacional em avaliar aspectos psicodinâmicos, emocionais, exposição ao HIV, comportamentos sexuais, intervenções clínicas e a epidemia do uso de metanfetamina correlacionados à extensão do abuso e dependência de substâncias psicoativas entre LGBT (ROLL; RAWSON; LING, 2009).

Esta população muito tem sofrido com o preconceito e discriminação, gerando a exclusão social por parte da comunidade onde estar inserido, induzindo ao mascaramento da realidade vivida através do uso de álcool e outras drogas. Diariamente, os indivíduos da diversidade sexual sofrem com o distanciamento dos serviços de saúde, abrindo espaço para a relação sexual desprotegida, através das barreiras de acesso a tais serviços.

Diante deste contexto, este trabalho tem como objetivo geral analisar a relação entre o uso abusivo de álcool e outras drogas e o sexo desprotegido na população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais do município de Cajazeiras, Paraíba, no ano de 2015. São ainda objetivos específicos descrever a ocorrência do uso abusivo de álcool e outras drogas na população estudada; identificar a existência do sexo desprotegido entre esta população; e relacionar, neste contexto, o uso de álcool e outras drogas com a prática sexual desprotegida.

De maneira geral, este trabalho contribui para a abertura da discussão sobre a temática e colabora com o diagnóstico da realidade local, identificando fragilidades e refletindo sobre a prática do saber/fazer saúde para a população LGBT, dando especial atenção àqueles que fazem uso de drogas e que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Assim, o presente estudo teve como objetivos: Analisar a relação entre o uso abusivo de álcool e outras drogas e o sexo desprotegido na população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais do município de Cajazeiras; Descrever a ocorrência do uso abusivo de álcool e outras drogas na população estudada; Identificar a existência do sexo desprotegido entre esta população; Relacionar, neste contexto, o uso de álcool e outras drogas com a prática sexual desprotegida.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

MÉTODO

Caracteriza-se como pesquisa exploratória de cunho quantitativo. A pesquisa foi realizada na Associação LGBT de um município da PB. A população analisada foi constituída por trinta e seis pessoas do movimento LGBT (Gays, Lésbicas, Bissexual e Travestis). Desta forma, a amostra será constituída daqueles que se enquadram nos critérios de inclusão e exclusão, tendo a população LGBT, idade igual ou superior a 18 anos, associados na associação LGBT do município de Cajazeiras – PB, excluindo, os não associados e os que possuem idade inferior a 18 anos.

A coleta de dados foi realizada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) de uma faculdade e encaminhado o ofício a Associação LGBT do município, conforme cronograma, de acordo com a disponibilização dos mesmos, e do pesquisador participante.

O pesquisador utilizou um questionário semiestruturado, com base Estatística Descritiva Simples. Com o objetivo de descrever variáveis e organizar em tabelas ou gráficos, que foram digitados no Programa Microsoft Excel. O instrumento foi utilizado pelo Ministério da Saúde no ano de 2010, no I Levantamento Nacional sobre o uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras, possuindo 78 questões, o instrumento foi reformulado e 45 questões objetivas vão contemplar o estudo.

Após ser encaminhado ao CEP da Faculdade, com a liberação da anuência do coordenador do local a pesquisa foi norteada a partir de normas e diretrizes que obedecem a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), seguindo os princípios éticos referenciais básicos da bioética, bem como os princípios éticos da autonomia, não maleficência, beneficência e justiça (BRASIL, 2012).

RESULTADOS

Ao realizar um estudo sobre a população LGBT, é fundamental reconhecer que esta população é plural, heterogênea e que em cada uma das letras que compõem a sigla estão representadas demandas específicas É preciso reconhecer ainda que outros marcadores sociais da diferença como classe, etnia e geração constroem uma interseccionalidade que influencia diretamente as condições de vulnerabilidade e acesso à saúde de um grupo populacional. Nesta pesquisa, buscamos identificar alguns destes dados conforme apresentado a seguir.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Ao serem questionados sobre sua orientação sexual e identidade de gênero, fatores diferentes, mas que compõem juntos a identidade humana, conforme apresentado no gráfico 1, a maioria dos entrevistados (67%) identificou-se como homem gay. Não por acaso, apenas (3%) da população identificou-se como mulher lésbica. Isso deve-se, em grande parte, a invisibilidade da população feminina, especialmente as heterodiscordantes, que dificulta a expressão pública de questões ligadas a sexualidade, como afirma Nascimento (2014), "A invisibilidade lésbica está intrinsecamente relacionada ao machismo, ao racismo e a uma sociedade estruturalmente heteronormativa"; isso reverbera também nas travestis (14%) e mulheres bissexuais (16%).

Com relação ao grupo étnico, baseados na metodologia proposta pelo IBGE (2010), em que o entrevistado se autodeclara parte de alguma dos grupos que lhe é apresentado, identificamos que mais da metade da população entrevistada (52%) identifica-se como mulata ou parda, seguindo a tendencia identifica pelo IBGE (2010), que afirma que 49,18% da população do município de Cajazeiras identifica-se como parda. Foi possível, no entanto perceber uma discrepancia dos dados obtidos com relação aqueles apresentados pelo IBGE (2010), no tocante a brancos e negros; em nossa pesquisa (24%) dos entrevistados se identificou como negro/a e (16%) como branco/a, para o IBGE, num estudo ampliado da população cajazeirense, estes número são 4,15% e 45,57% respectivamente. Outras etnias correspodem a (8%) dos entrevistados. Não foram identificado asiáticos ou indígenas.

Em relação ao estado civil da população entrevistada, a imensa maioria (89%) se identificou como solteiro/a; um número bem superior aquele identifcado pelo censo realizado pelo IBGE (2010) que, apesar de não trazer dados específicos sobre o município de Cajazeiras neste sentido, aponta que 56,8% da população do estado da Paraíba se identifica como solteira.

Apesar de o Supremo Tribunal Federal ter reconhecido em 2011, por unanimidade, a equiparação da união estável homossexual à heterossexual, assegurando aos casais gays direitos como herança e pensões; e de o Conselho Nacional de Justiça ter regulamentado o casamento entre pessoas do mesmo sexo através da portaria 175 de 14 de maio de 2013, apenas (5%) dos entrevistados afirmaram ser casados/as. No gráfico 3 destaca-se que os entrevistados que se identificam separados, compõe um percentual de (6%), e durante as entrevistas foi possível perceber que boa parte destes foi casado ou “esteve junto” com um companheiros/companheira do sexo oposto. Na análise da população paraibana apresentada pelo IBGE (2010) os separados correspondem a 1,2% dos entrevistados. Não foi encontrada população viúva.

Dos participantes (11%) afirmam que moram com amigos, fato que reflete o grande

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

número de pessoas originárias de outros municípios que estudam em Cajazeiras e que estabelecem aqui residência temporária. (3%) dos entrevistados afirmaram morar em repúblicas estudantis. Ainda (11%) apontaram que moram sozinhos, e que, via de regra, possuem emprego e se sustentam por conta própria em suas residências, onde podem viver sua sexualidade livres de pressões familiares.

DISCUSSÃO

O consumo de drogas entre é população tem sido registrado com frequência, e cada vez mais são apontados casos em que o uso abusivo oferece graves riscos aos usuários, seja na população em geral, seja entre LGBT. De acordo com a própria Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001), cerca de (10%) das populações dos centros urbanos de todo o mundo consomem abusivamente substâncias psicoativas independentemente de idade, sexo, nível de instrução e poder aquisitivo.

O contexto extramente desfavorável à livre expressão da sexualidade, fez com que essa população adotasse estratégias de socialização marcadas pela segregação, pelo obscuro e escondido, de modo que estes indivíduos pudessem vivenciar suas experiências longe dos olhos da sociedade e das mãos dos agressores.

Nesta pesquisa, buscamos identificar como a população entrevistada tem se relacionado com as drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, a partir de dados como frequência de uso, uso associado e motivação de uso, como apresentado a seguir.

Corroborando com esta cultura, o gráfico 1 demonstra que (89%) dos entrevistados relatou ter ingerido bebidas alccolicas nos últimos 3 e 12 meses; (86%) relataram ter feito uso a pelo menos 30 dias com uma analise e apenas (11%) relatou nunca ter experimentado álcool na sua vida. É pequeno, portanto o número de usuários que interromperam o uso nos últimos 12 meses.

Com relação ao tabaco, (58%) dos respondentes relataram nunca ter feito uso, enquanto (42%) relatou ter utilizado nos últimos 12 meses. (39%) relataram uso nos últimos 3 meses e (36%) nos últimos 30 dias. Observa-se portanto uma diminuição de aproximadamente 5 pontos percentuais no número de fumantes nos 12 últimos meses.

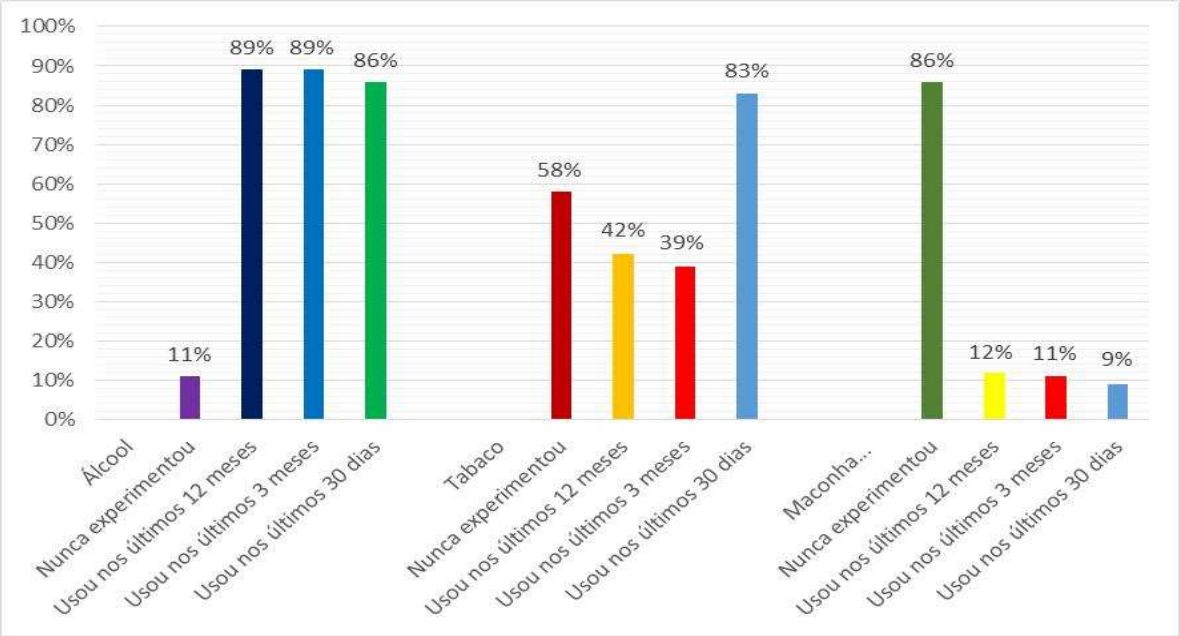
A maconha, droga considerada ilícita, apresentou baixa taxa de uso se comparada com as anteriores: (86%) dos entrevistados afirmaram nunca ter utilizado. Dos que relatam uso, (12%) o fizeram nos últimos 12 meses, (11%) fizeram nos últimos 3 meses, e (9%) nos últimos 30 dias; o que relata uma redução tímida do número de usuários na medida em que, assim como o álcool, o usuário de maconha acaba desenvolvendo uma cultura de uso,

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

muitas vezes ligadas à socialização.

Gráfico 1 – Uso de Álcool, Tabaco e Maconha entre os participantes, Cajazeiras, 2015.



Fonte: Dados coletados, 2015.

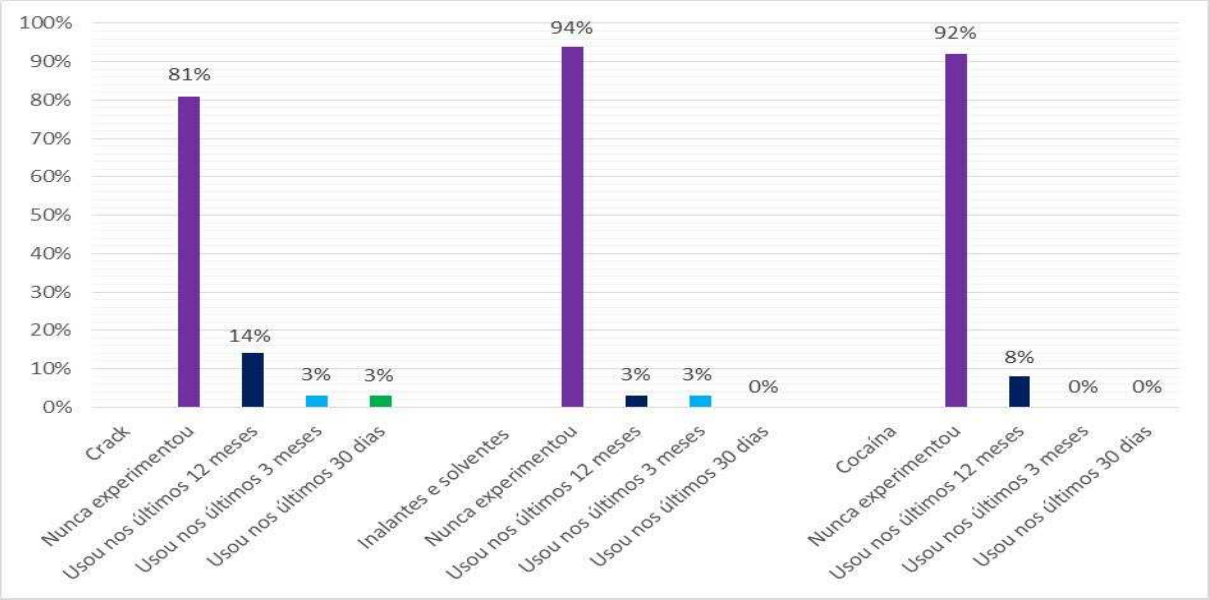
O gráfico 2 demonstra a população que descreveu ter feito ou não uso de inalantes, crack e cocaína e impressiona positivamente em relação à grande quantidade de pessoas que não fazem ou nunca fizeram uso de tais substancias (81%) relataram nunca ter experimentado o crack, (94%) nunca fizeram o uso de inalantes ou solventes e (92%) relataram nunca ter experimentado a cocaína.

Ainda no gráfico 2, (14%) dos entrevistados afirmaram ter utilizado crack nos últimos 12 meses, (8%) afirma ter feito uso da cocaína e (3%) relatam uso de inalantes no mesmo intervalo de tempo. Apenas (3%) relataram ter feito uso do crack, assim como (3%) afirma ter usado inalantes nos últimos 3 meses; não foi verificado uso de cocaína nesse período. (3%) relatou uso de crack nos últimos 30 dias - podendo se observar uma relação de dependência; não se registrou uso de cocaína e inalantes neste período.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Gráfico 2 – Uso de Crack, Inalantes e Cocaína entre os participantes, Cajazeiras, 2015.



Fonte: Dados coletados, 2015.

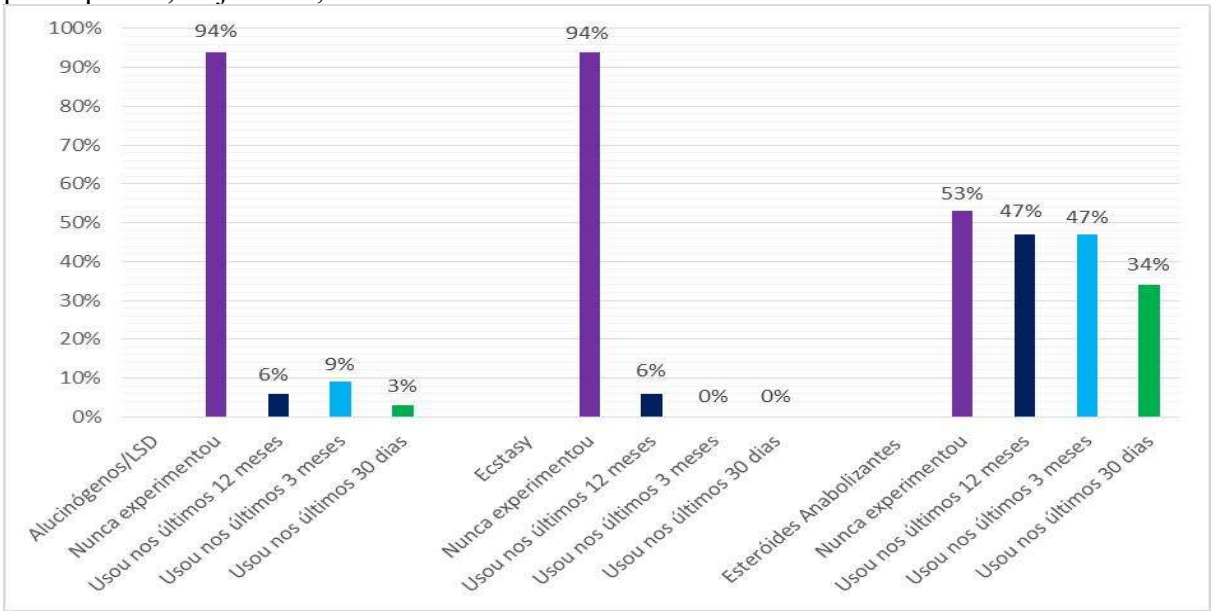
O gráfico 3 revela que quando, questionados sobre o uso de alucinógenos, (94%) relataram nunca terem experimentado tais sustâncias, (9%) disseram ter feito uso nos últimos 3 meses, (6%) relataram ter utilizado a substancia nos últimos 12 meses e apenas (3%) relataram ter feito uso nos últimos 30 dias. Os dados apresentados sobre o uso contínuo ou não de tal substância foram relativamente proporcionais quando se tratando do questionamento acerca do uso da substância Ecstasy por essa população: (94%) das pessoas relataram não fazer ou nunca terem feito uso dessa droga e 6% relataram ter feito uso nos últimos 12 meses. Nenhuma das pessoas disse ter usado o Ecstasy nos últimos 3 meses e 30 dias.

Em relação ao uso de Esteroides anabolizantes, os números são bem preocupantes: (53%) dos entrevistados afirmaram nunca terem feito uso de anabolizantes, porém, um considerável numero de pessoas, (47%), disse ter feito uso desses esteroides nos últimos 12 bem como nos últimos 3 meses. Acrescenta-se ainda a população que disse ter feito uso de esteroides anabolizantes a somente 30 dias que corresponde uma parcela de (34%) dessa população.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Gráfico 3 – Uso de Alucinogênos, Ectasy e Esteróides Anabolizantes entre os participantes, Cajazeiras, 2015.



Fonte: Dados coletados, 2015.

Quando tratamos da abstinência e do forte e grande desejo de consumir álcool, drogas e outras substâncias, o grafico 4 revela resutaldos preocupantes, em especial com relação àqueles que disseram ter urgência no consumo de álcool, e tabaco e seus derivados.

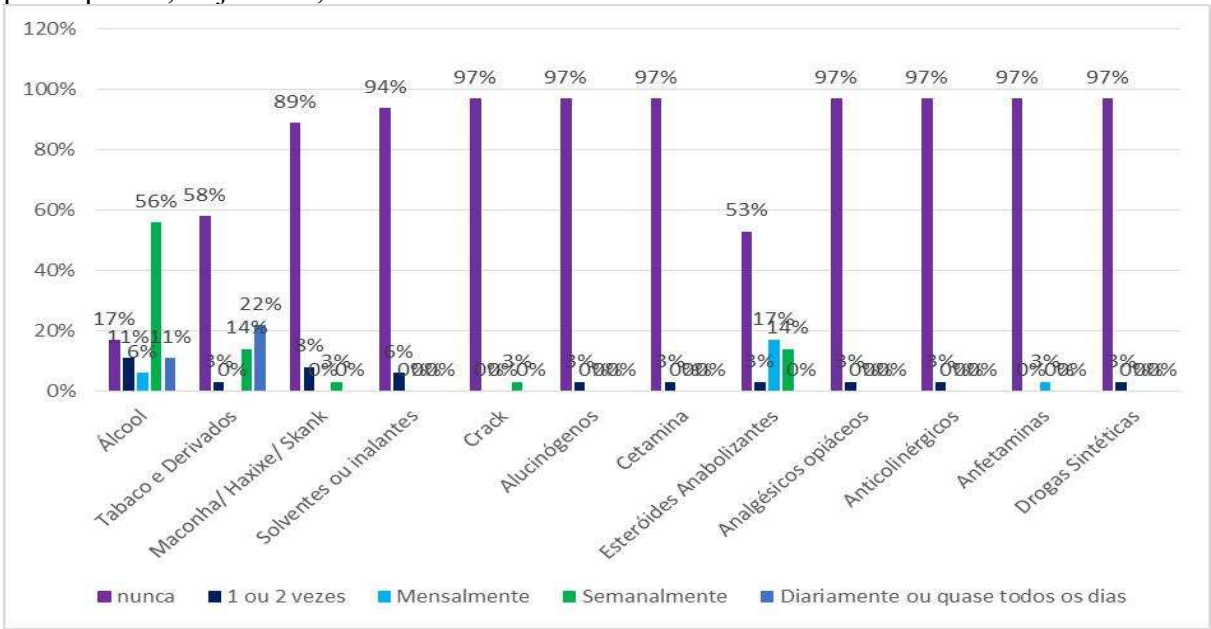
Os numeros mais preocupantes são encontrados entre os usuários de álcool (11%) e tabaco (22%) que relataram fazer uso de tais substancias diariamente ou quase todos os dias, devido à grande vontade ou abstinência das mesmas.

A maioria das pessoas que relataram ter um desejo frequente e semanal para consumir algum tipo de substacia, relataram este desejo com relação ao álcool: (56%) dos entrevistados relataram fazer uso com frequência devido à constante urgência em consumir bebidas alcóolicas. Em seguida estão os usuários de tabaco e seus derivados (14%), esteróides anabolizantes (14%) e maconha (4%) que relataram ter vontedes excessivas para o consumo dessas substâncias semanalmente.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Gráfico 4 – Frequência do forte desejo ou urgência em consumir nos últimos 3 meses dos participantes, Cajazeiras, 2015.



Fonte: Dados coletados, 2015.

O gráfico 5 apresenta, quais as motivações relacionadas ao uso de àlcool e outras drogas pela população entrevistada. Sabe-se que cada pessoa possui motivos comuns e distintos acerca do uso dessas substancias, e que levam a um consumo frequente ou não.

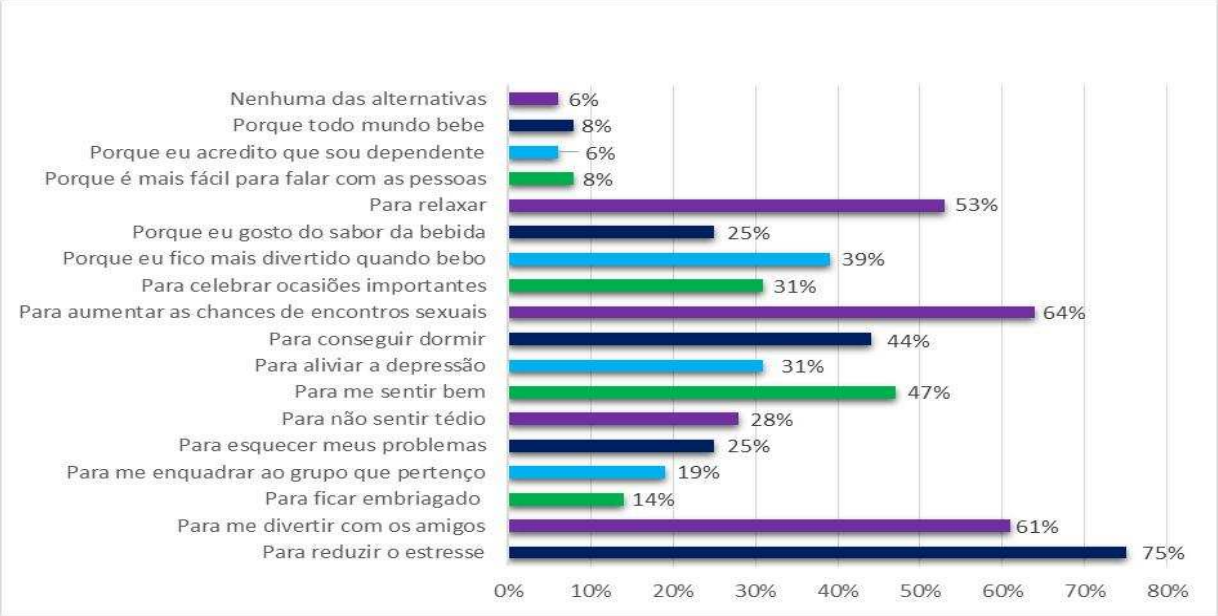
A maior parcela , (75%) das pessoas relataram fazer uso de álcool e outras drogas pela satisfação de redução do extresse durante o uso, (64%) relataram sentir mais facilidade e aumento nos encontros sexuais nos dias que fazem o uso de álcool e drogas. (61%) disseram que o uso dessas substâncias é apenas um motivos de diverssão com os amigos, (53%) fazem o uso de álcool e outras drogas para relaxar, (47%) para se sentir melhor, (44%) para ter sonos mais profundos e agradáveis, (39%) das pesssoas relataram que só conseguem ficar mais divertidas e animadas quando estão consumindo bebidas alcólicas, (31%) das pessoas disseram só beber para celebrar ocasiões impostantes e para aliviar sinais de depressão, (28%) relataram não sentir tédio quando estão fazendo uso de tais substâncias, (25%) para esquecer os problemas e por sentir apreço pelo sabor da bebida, (19%) bebe ou consome drogas para se enquadrar a grupos que supostamentes os

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

mesmos pertencem, (14%) bebe simplesmente pela sensação de prazer ao ficar ou se sentir embreagado, (8%) relata que porque todo mundo bebe os mesmos também devem beber e dizem se sentir mais flexiveis para se comunicar com as pessoas e apenas (6%) relatam acreditar em uma certa dependência quimica e outros que disseram não se enquadrar em nenhuma das opções.

Gráfico 5 – Motivação para o uso associado de álcool e outras drogas dos participantes, Cajazeiras, 2015



Fonte: Dados coletados, 2015.

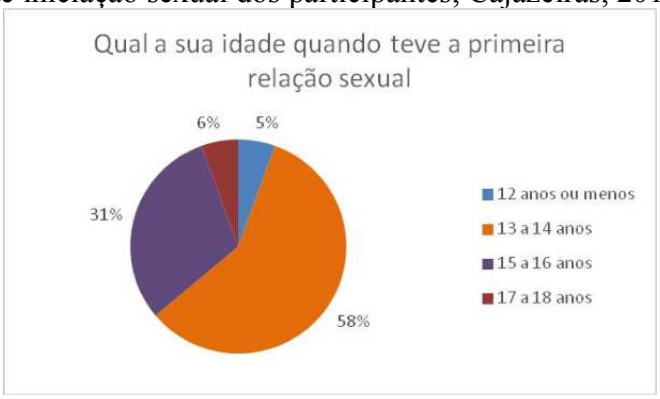
Comportamento (sexual) geral

Quando questionados sobre quando tiveram sua primeira relação sexual, o gráfico 6 demonstra que (58%) dos entrevistados afirmam que ela aconteceu entre os 13 e os 14 anos; (31%) relata a ocorrência entre os 15 e 16 anos; (6%) entre os 17 a 18 anos; e (6%) afirmam que iniciaram sua vida sexual antes dos 12 anos.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

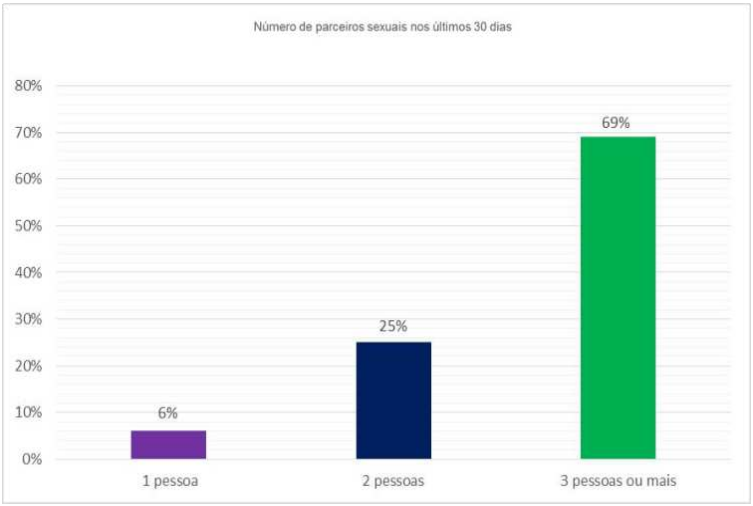
Gráfico 6 – Idade de iniciação sexual dos participantes, Cajazeiras, 2015.



Fonte: Dados coletados, 2015.

Com relação ao número de parceiros nos últimos 30 dias, o grafico 7 destaca que, (69%) dos respondentes disseram ter tido relações sexuais com 3 parceiros ou mais, (25%) disseram ter tido apenas 2 parceiros nos últimos e (6%) relatou ter feito relação sexual com apenas 1 parceiro.

Gráfico 7 – Número de parceiros sexuais nos últimos 30 dias dos participantes, Cajazeiras, 2015.



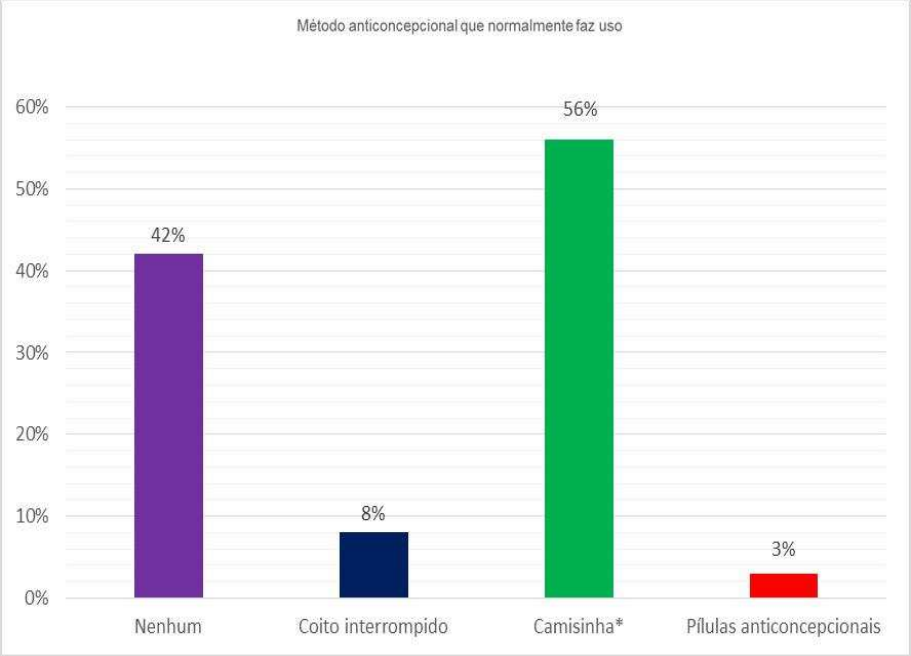
Fonte: Dados coletados, 2015.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Com relação ao uso de métodos anticoncepcionais, e mais especificamente a camisinha, que constitui um importante método de prevenção, o grafico 8 revela que (42%) dos entrevistados afirmam não fazer uso de nenhum desses métodos; (8%) relatam a prática do coito interrompido; (56%) relata fazer uso de camisinha; e (3%) costuma fazer uso de pílulas anticoncepcionais. É importante salientar que dos que declaram fazer uso da camisinha, alguns pessoas só fazem uso desse método quando o outro parceiro não se opõe.

Gráfico 8 – Uso de método anticoncepcional pelos participantes, Cajazeiras, 2015.



*Dos 20 que relataram o uso de camisinha, 5 apontam que só fazem esse uso caso o parceiro não se oponha.

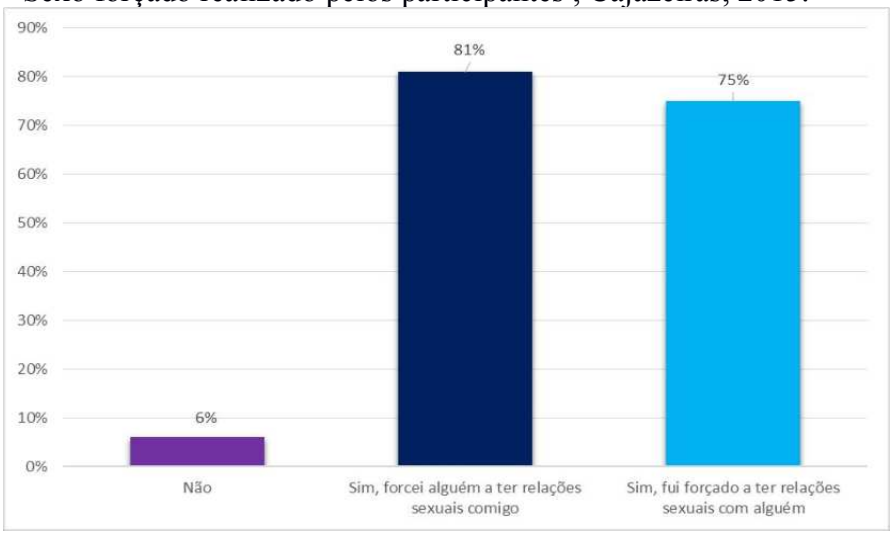
Fonte: Dados coletados, 2015.

Sobre a realização de sexo forçado, o gráfico 9 aponta que (81%) declararam ter forçado alguém a fazer sexo; (75%) disseram terem sido forçados a fazer sexo com alguém; e apenas (6%) declarou nunca ter tido uma relação deste tipo. É importante apontar que esta conduta, além de ser considerada crime de acordo com o artigo 213 do Código Penal Brasileiro, é também um comportamento de risco, visto que, em geral, nestas

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

situações não se faz uso de preservativo e muitas vezes isso ocorre com um parceiro eventual com quem não há relações de confiança nem se sabe o histórico de práticas sexuais.

Gráfico 9 – Sexo forçado realizado pelos participantes , Cajazeiras, 2015.



Fonte: Dados coletados, 2015.

Os últimos dados da pesquisa apontam que (47%) dos entrevistados nunca realizou a testagem para HIV/AIDS, uma estratégia fundamental de prevenção, de tratamento precoce e da redução de risco de transmissão por pessoas infectadas.

Gráfico 10 – Realização de Testagem para HIV pelos participantes, Cajazeiras, 2015.



Fonte: Dados coletados, 2015

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Para além do consumo de drogas, alguns comportamentos sexuais são determinantes para determinar o grau de vulnerabilidade dos indivíduos as IST. Neste sentido, tentamos identificar, como a população LGBT tem lidado com suas práticas sexuais e o quanto essas práticas a expõem ao risco de contrais estas IST.

É importante perceber que muitos estudos têm relacionado à incidência elevada das ISTs à precocidade das relações sexuais, a multiplicidade de parceiros e a pouca utilização de preservativos, agregada a uma maior liberdade sexual. (BARRETO, 2011; SANTOS, 2009).

Quando questionados sobre quando tiveram sua primeira relação sexual, o estudo demonstra que (58%) dos entrevistados afirmam que ela aconteceu entre os 13 e os 14 ano; (31%) relata a ocorrência entre os 15 e 16 anos; (6%) entre os 17 a 18 anos; e (6%) afirmam que iniciaram sua vida sexual antes dos 12 anos. Este dado é preocupante e nos demonstra uma iniciação sexual predominante precoce e cercada de desinformação.

Em nossa sociedade, o tema sexualidade ainda encontra-se cercado de mistério e tabus, o que, cremos, é indício de atraso, pois, dada a relevância do tema, deveria haver clara discussão entre adultos e adolescentes inexperientes. Diante do silêncio em casa, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes também imaturos, contribuindo, dessa maneira, para a prática do sexo de forma insegura. Dados revelam que, no mundo, somente 30% dos jovens usam métodos contraceptivos e, pelo menos, 1/3 das 30 milhões de pessoas infectadas pelo HIV têm entre 19 e 24 anos. Esses problemas poderiam ser evitados se o adolescente encontrasse no ambiente familiar liberdade para discutir sobre sexo e sexualidade (SOUSA, 2012).

CONCLUSÕES

Os resultados encontrados mostraram uma realidade bastante preocupante e que exige ações urgentes por parte do poder público. Com relação ao uso de álcool e outras drogas, o principal fator preocupante é o número de entrevistados que utilizam álcool e tabaco com frequência por LGBT de diversas etnias, moradias, e estados civis. É preciso notar ainda, que o consumo experimental de drogas consideradas ilícitas já é uma realidade neste grupo; e que já se verifica um caso de dependência de crack, o que demonstra que os devastadores danos causados por esta droga já estão presentes em nosso cotidiano. Por outro lado, os comportamentos sexuais de risco, são regra entre a população estudada: baixa adesão ao uso da camisinha, baixo índice de testagem para HIV/AIDS, diversos parceiros sexuais eventuais, realização de sexo forçado, e iniciação sexual precoce.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Associados, estes dados colocam a população LGBT de Cajazeiras em uma grave situação de risco e vulnerabilidade; não por acaso, 72% dos entrevistados afirmam que já foram infectados por alguma IST.

Caso o poder público não desenvolva uma resposta sistemática e efetiva a este cenário, a situação tende a se agravar. É absolutamente inaceitável o baixo índice de testagem da população para HIV/AIDS e isso demonstra que as respostas não têm sido suficientes. É fundamental perceber que o adoecimento e o comprometimento da saúde, ocasionado pelo estigma e discriminação, a fragilidade e descompasso entre o conhecimento sobre DST/HIV/aids e a adoção de práticas sexuais mais seguras, a não percepção ou negação da vulnerabilidade ao HIV e às DST e o preconceito, associado ao viver com HIV/aids, são fatores que levam ao consequente afastamento das ações de prevenção e de promoção à saúde

Diante disto, sugerimos que se invista fortemente no combate a violência e preconceito contra a população LGBT, especialmente através do desenvolvimento de campanhas educativas. É preciso que se desenvolvam ações de implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde LGBT que envolvam a participação popular e controle social em todas as fases deste processo de implementação.

Faz-se necessário treinar recursos humanos envolvidos direta ou indiretamente com a assistência, o que poderá possibilitar o diagnóstico precoce, seja das IST, seja da dependência de drogas, e ainda planejamentos e execução de atividades e programas que possam suprir as necessidades desse público, ou seja, uma intervenção global junto a esses indivíduos.

Por outro lado, recomenda-se que sejam desenvolvidos programas de orientação e esclarecimento junto a vários segmentos sociais (escolas, universidades, comunidades, etc.) no sentido de prevenir a dependência, orientar sobre a importância do uso de preservativos, baseados, especialmente, nas metodologias de educação popular.

No que diz respeito ao acesso aos insumos de prevenção, sobretudo, preservativos masculinos e gel lubrificante, geralmente as diretrizes, a operacionalização da distribuição nacional e local, e o acesso, não correspondem às reais necessidades dos gays e outros HSH e das travestis. Isso reflete bastante nos resultados quando os entrevistados foram questionados sobre o uso de preservativos. Diante disto é fundamental desenvolver ações cujos resultados não dependam exclusivamente da adesão dos indivíduos, e ainda estimular a testagem.

De modo geral, é fundamental promover uma assistência humanizada, que reconheça as especificidades e o lugar histórico de exclusão desta população, e que caminhe no sentido de uma sociedade democrática, justa e igualitária, onde esteja

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

garantido o direito a saúde, preconizado na Constituição Federal.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. C. M.; SANTOS, R. S. A vulnerabilidade da adolescência às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro-RJ, v. 13, n. 4, p.809 – 16, out-dez, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452009000400017&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em 02/18/2018.

BRASIL. M. S. Objetivo e desenvolvimento do milênio. **Relatório Nacional de Acompanhamento**. Brasília, Março de 2013. Disponível em: < idis.org.br/wp-content/uploads/2014/05/RelatorioODM-final.pdf > acessado em: 01/05/2018

_____.Ministério da Saúde. Comissão de Ética em Pesquisa – CONEP. **Resolução nº 466/12**. Dispõem sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2012.

_____. M. S. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde. 2010.

_____. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas**. 2. Ed. rev. ampl.– Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

GEORGE T. **Gênero, sexualidade e saúde:** Um olhar da enfermagem. São Paulo: Girancor, 2010. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v10s1/v10supl1a10.pdf> Acessado em: 01/05/2018.

Infográficos: Evolução populacional e pirâmide etária, 2010.
MACHADO, C. S. **Trabalhos acadêmicos na Unisul**: apresentação gráfica. 2. ed. rev. e atual. Palhoça: Ed. Unisul, 2013.

Temas em Saúde
Volume 18, Número 2
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração e interpretação de dados. 7 ed. 3 reimpr. São Paulo-SP: Atlas, 2010. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/.../china-e-india> Acessado em: 01/05/2018.

OLIVEIRA, E. B. Normais Percebidas por estudantes universitários sobre o uso de álcool pelos pares. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto-SP, v. 17. N. 2, p. 878-85, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/download/4105/4970>. Acessado em: 02/05/2018.

OMS. **Organização Mundial de Saúde,** 2001. Disponível em: <http://www.flacso.org.br/portal/pdf/ 12.pdf>. Acessado em :02 de maio de 2018.

PASSOS, E. H.; SOUSA, T. P. **Redução de danos e saúde pública**: construções alternativas à política global de "guerra às drogas". Psicologia & Sociedade, v. 23 n. 1, p. 154-162, mai-abr. 2011. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a17v23n1.pdf> Acessado em: 02/05/2018.

ROLL. J. M.; RAWSON. R. A.; LING. W, Shoptaw S. Methanphetamine Addiction. **From the Basic Science to treatment**. The Guilford Press, 2009.p. 258

SILVA, P. *et al*. Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo-SP, v.42, n.146, p.474-493, mai-ago. 2012.

SOUZA, C. M. et al. **Sociodemographic Correlates of Transitions from Alcohol Use to Disorders and Remission** in the São Paulo Megacity Mental Health Survey, Brazil. Alcohol Alcohol. V. 0, n. 0, p. 1-9, 2012. Disponível em: < https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3080240> Acessado em: 01/05/2018.